

# Chadô: um caminho precursor da Filosofia e Estética no *Chanoyu*

## Chadô: a precursoring path of Philosophy and Aesthetics in *Chanoyu*

Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa<sup>1</sup>

Thais Masculino Lopes Tinoco<sup>2</sup>

*Ichigo, Ichie*

一期一会

*(Ren no Rikyu)*

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar o chá através de sua forma cultural, estética e filosófica na tradição japonesa, trazendo consigo uma bagagem histórica de seu surgimento na Terra do Sol Nascente. Relatando a construção da cerimônia do chá, através de uma análise antropológica da essência do cerimonial milenar na vida dos nipônicos, esta pesquisa identifica e interpreta minuciosamente cada gesto e detalhe, não somente de sua forma estética, mas também sua filosofia que advém de uma influência zen budista. O *Chanoyu*, conhecido como a cerimônia do chá ou “água quente para o chá”, tem como simbologia não somente seu consumo tradicional e milenar na Ásia, mas representa o comportamento social da sociedade japonesa em específico, através de uma contribuição filosófica e artística que está totalmente conectado e arraigado em sua cultura.

**Palavra-chave:** Chá; Filosofia, Estética, Cerimonial, *Chanoyu*.

### ABSTRACT

This article aims to present tea through its cultural form, aesthetics and philosophy in the Japanese tradition, bringing with it a historical baggage of its emergence in the land of the rising sun. Reporting the construction of the tea ceremony, through an anthropological analysis of the essence of the millennial ceremonial life of the Japanese, this research identifies and interprets minutely every gesture and detail, not only in its aesthetic form, but also its philosophy that comes from an influence Zen Buddhist. The *Chanoyu*, known as the tea ceremony or "hot water for tea," symbolizes not only its traditional and millenarian consumption in Asia, but represents the social behavior of Japanese society in specific, through a philosophical and artistic contribution that is fully connected and rooted in its culture.

Keyword: Tea; Philosophy, Aesthetics, Ceremonial, *Chanoyu*.

---

<sup>1</sup> O autor é sociólogo, historiador e mestre em filosofia pela UNESP, doutorando em ciências da religião pela UMESP, doutor em ciências sociais pela UNESP, Advogado atuante em direitos humanos formado pela ITE OAB/SP314.525. É professor do IFSP nas áreas de antropologia e sociologia. E-mail: joebarduzzi@yahoo.com.br. adv.otavio@ymail.com.

<sup>2</sup> Licenciada em História, com Especialização Lato Sensu em Antropologia pela Universidade Sagrado Coração. Professora de História da rede pública do estado de São Paulo. E-mail: adv.otavio@ymail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

Em estudo inicial, esta pesquisa busca conhecer e analisar a representação e os vários significados e normas culturais que o *Chanoyu* retrata e de que modo reflete a identidade do povo japonês há séculos. Aplica-se uma análise de cunho antropológico, pois envolve um método pormenorizado da cultura do chá, na compreensão da importância que o cerimonial do chá tem para o povo nipônico e assim a preservação do mesmo até os dias de hoje, trazendo consigo a estética e filosofia oriental.

De fato, é estabelecida aqui apenas uma breve síntese, visto tamanha grandiosidade deste rito, que está agregado a um conjunto imenso de detalhes rigorosos, expressando atenção, cuidado meticuloso em sua representação, considerado o âmago de todos aqueles que contemplam a cerimônia do chá.

Tomando por base os textos trabalhados como referencial, em sua maioria a pesquisa se deu por meio de livros de renomados autores, tais como Okakura (2008), Sen Soshitsu (1981), sendo estes japoneses mestres no conhecimento do Chanoyu, que dedicaram longos anos de suas vidas na obtenção de conhecimento profundo e rico sobre o cerimonial; em outras obras, como as de Gracindo (2013) e Hammitzsch (1958/1977), que puderam vivenciar tal solenidade.

Expressamente este artigo tem como objetivo apurar tal conhecimento sobre o ritual e em relação às ações presenciadas na cerimônia do chá, mas dando ênfase à característica da importância da estética e filosofia do *Chanoyu*, que se encontra carregado de simbologia em cada simples movimento que leva à apreciação no ato de se beber uma xícara de chá, que transborda em uma excepcional e notória sabedoria.

**Figura 1 - Toyohara Chikanobu (1895)**



**Foto: site ukiyo-e.org.**

## **2 A TRADIÇÃO DO CHÁ: UM BREVE HISTÓRICO**

Conhecido como o “o ouro líquido”, o chá permeia os quatro cantos do mundo, levando consigo todo o enriquecimento de sua etiqueta, e não somente, mas reflexos da criação de seu cerimonial na sociedade nipônica, em seus ricos detalhes trazendo toda uma bagagem filosófica em torno de uma xícara de chá. Não pode ser considerado apenas como hábitos diários, posto que rege todo um comportamento social.

Segundo a mitologia Shintô 神道の本(Shinto no hon), no ano de 737 a.C um grande líder japonês, em uma viagem, sentindo-se enfiado, sentou-se debaixo de uma árvore para repousar e recuperar suas forças, pedindo aos seus servos que lhe fervessem água para que pudesse refrescar-se. Foi quando, então, a deusa Amaterasu fez com que as folhas comesçassem a cair, e, ao entrar dentro da água, sua cor dourada (logo associada a Amaterasu por ser deusa do sol) e a infusão decorrente chamou a atenção de Shen, que, ao experimentar, se deixou levar não somente pelo sabor refrescante e revigorante. A partir daí, o chá passou a se tornar a bebida da moda entre todos. O chá tornou-se a bebida mais consumida no Japão, e hoje é cultivada em todo o seu território.

Historicamente o chá advém da China, datado entre o século III a.C, tendo seu reconhecimento na Dinastia Han Oriental (25-220d.c). Tido inicialmente como planta medicinal, o chá era tão somente utilizado pela aristocracia, sendo exclusivo dos imperadores e nobres, depois se difundindo por todas as camadas da sociedade. Segundo o historiador Boiko<sup>3</sup> (2011), ressalta-se que, em cada Dinastia na China, o chá era feito e utilizado de modos um pouco distintos, cada qual com suas características no modo de prepará-lo, assim também se disseminando para o mundo. Sua propagação pela China e, conseqüentemente, ao Japão, esteve juntamente ligada à propagação do budismo.

Sua introdução no arquipélago japonês veio direcionado pelos monges budistas, que traziam uma concepção em torno do chá e todo seu processo de preparação, num pequeno e singelo ato de beber e apreciar, formando o conhecido cerimonial *Chanoyu*, que será destacado no decorrer do trabalho.

---

<sup>3</sup> BOIKO, Leonardo. **Breve história do chá no Japão**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011. P.5-6.

Registros datados evidenciam que sua incorporação vem a partir do século 8, por volta do ano de 729, no qual monges budistas viajaram para a China a estudos e foi então que tiveram contato com a famosa e peculiar bebida do chá.

Incorporado ao cotidiano dos monges budistas, a bebida era utilizada nas longas noites de meditação, para que se mantivessem acordados, no intenso processo de concentração e contemplação, no qual o chá era também tido ritualmente como oferenda ao Buda, como situado por Boiko (2011):

[...] Além de ser consumido em grande quantidade pelos monges (aos quais o álcool era vedado), era oferecido ritualmente a Buda. O chá foi especialmente associado ao zen-budismo (ch. *Chan*), seita focada na meditação e com influências taoístas. Em inúmeros diálogos zen-budistas, um mestre ou instrutor levanta sua tigela de chá como forma de lembrar os discípulos do aqui-agora. (BOIKO, 2011, p.7).

Sua chegada ao Japão se deu por conta de Eisai ou Eichu (永忠) (1141-1215), um monge e mestre zen-budista, que trouxe toda sua bagagem de conhecimentos e experiências em seus estudos sobre o zen, que obteve em sua visita na China. Juntamente com os mestres chineses, absorveu as diversas formas da utilização do chá em um cerimonial, incluindo certas normas precisas no modo de ingeri-la.

Havendo consigo diversos tipos de chá e em cada período, desde seu surgimento o chá foi sendo modificado e utilizado no contexto de cada Dinastia. O chá em pó utilizado hoje no cerimonial foi disseminado no período Kamakura (1222-1333); conforme ocorrem mudanças em seu modo de prepará-lo, também há mudanças no ideal do (ritual do) chá. Para cada forma de preparar, desde a plantação até a forma da folha, se está ou não em pó, se tem ramos, da data da colheita, tudo influencia conforme a cosmovisão do preparador e o que vai curar no paciente ou apreciador.

Eisai, ao retornar ao Japão com algumas sementes trazidas da China, começou o plantio e a difundir seu consumo, trazendo essa relação do zen e o chá, que viria mais tarde a ser de grande valia na fecundação do *Chanoyu*. Aborda também quais os benéficos que traz à saúde, como descrito no livro de Hammitzsch (1985):

Seus conhecimentos a respeito do chá, adquiridos na China, junto aos monges zen chineses, ele os descreveu numa obra de dois volumes, intitulada *Kissa yojoki* (1221). [...] Quando Sanemoto (1204-1219), o último *shogun* da casa de Minamoto, caiu doente, Eisai lhe enviou uma tigela de chá juntamente com sua obra *Kissayojoki*. Sanemoto se recuperou e, assim, aprofunda-se no estudo desse livro, começando a valorizar esse modo de tomar chá. Essa foi a origem da reputação das propriedades regeneradoras e da força curativa do chá, assim como Eisai as descreve em seu livro: “ Preservador da vida, o chá é uma bebida

verdadeiramente terapêutica, um remédio secreto para prolongar a vida. (HAMMITZSCH, 1985, p.40).

Há registros históricos de competições realizadas em torno do chá, tendo suas origens na China, uma delas conhecida como *Tocha*, nas quais as participações levavam os competidores a diferenciar os vários sabores de chá, como colocado por Boiko (2011, p. 9), *diferenciar “o verdadeiro chá”*, de uma determinada região ou de outra.

Como forma de entretenimento, competição semelhante floresceu também no Japão (XIV-XVI): os tipos de chá colocados aos participantes eram em geral determinados de modo a distinguirem o chá produzido em Toganoo e em Uji, e depois os demais que advinham de outras regiões. Por volta do sexto mês, ocorria a reunião entre o anfitrião e os apreciadores da bebida, em um pavilhão onde a sala do chá tinha a imagem de Budhha e demais quadros que continham seus ensinamentos. Havia todo um comportamento de forma rigorosa e sequencial.

Logo é possível observar que, mesmo não se tendo todo o requinte que hoje se dá ao cerimonial do chá, e toda a etiqueta e suas minúcias, esse início determinou o desabrochar do suntuoso do caminho do chá e seus ensinamentos.

O estudo do chá requer tempo metucioso, visto que não se trata apenas cientificamente de uma planta, *Camellia Sinensis*, com propriedades medicinais, mas da aparição de uma bebida que permeia o modo de vida de toda uma sociedade, por assim dizer nação, historicamente milenar, passando pelo seu consumo, por suas metamorfoses, e que tem como característica aspectos não só culturais, mas sociais, artísticos, filosóficos e religiosos. A aparição de um caminho como este foi de ensinamento não somente em torno de uma sala com suas características próprias, arquitetura que contém uma simbologia na apreciação do chá, mas de todo o conhecimento que transborda unicamente de uma singela xícara de chá.

### **3 O CORPO, A CURA, O CHÁ**

O corpo e a saúde têm profundas relações com o meio social, quando intermediado com a busca pelo Divino, através de um tipo de religião específica, e torna-se interessante objeto de pesquisa (PRANDI, GIOVANNI 1999).

No caso da relação entre saúde, corpo e uma forma de plantio, como a planta do chá, muda-se o imaginário da pessoa, já exposto na extensa literatura sobre xamanismo,

curandeirismo, feitiçarias, êxtases e exorcismo na religiosidade “primitiva” e “contemporânea”, mudando as relações sociais da pessoa (FATH, 2004).

O chá não era só uma forma de cura, mas a forma de organizar toda uma sociedade rural, na qual os plantadores produziam o chá segundo determinadas formas sociais de dominação rural e assim se organizava politicamente a estrutura japonesa. Com poucos territórios férteis, mas dotados de grande conhecimento marítimo por causa da pesca, e depois, da guerra, foram em busca de mais territórios para produção de alimentos, em especial para o plantio do chá, que tinha grande importância na cultura nipônica. Por causa de alimentos, como o chá e as especiarias, se fez muita conquista e guerra.

Além disso, esses fenômenos oferecem explicações míticas e místicas aos membros do grupo, o qual tenta justificar certas realidades e oferecer nova compreensão que o sujeito tem com relação a um mundo invisível, ainda que pareça esse mundo ter mais influência sobre ele do que o mundo sensível que o cerca. “O movimento que cria o mundo do pensamento é, precisamente, aquele que abre o pensamento para o mundo” (MORIN, 1987, p. 88).

É assim que a mente humana ultrapassou os horizontes do mero conhecimento e instinto biológico. É no homem que o *motorium* e o *sensorium* podem facilmente se desconectar; a mente pode, a partir daí, lançar-se no sonho, criar ideias matemáticas, ideais sem correspondência com o mundo real e, por meio da linguagem, criar ideias, classificar e referenciar o universo próximo e referenciar a si mesmo. A hominização do conhecimento passa do meio biológico para o mundo.

Estes desenvolvimentos levam o pensamento mais distante do que poderia ter ido sozinho. Finalmente, transforma e ultrapassa a mente nessa mesma transformação em que “emergem correlativamente uma nova linguagem, pensamento e nova consciência” (MORIN, 1989, p. 142). Constituiu-se verdadeiramente na visão espiritual, criando e transformando em arte, sonhos, devaneios e tudo aquilo que é verdadeiramente surpreendente da humanidade.

Devemos concordar com Morin quando diz que não somos apenas *Homo sapiens sapiens*, mas, sim, *Homo sapiens sapiens demens*, pois é o *demens* que nos diferencia como seres particulares e únicos; é no *demens* que criamos poesia, amor, sentimentos, risos, religião, êxtase, todos os elementos que nos fazem humanos:

Homo sapiens é ao mesmo tempo homo demens. O ser humano é de natureza multidimensional. Há uma mescla inextricável, um pensamento duplo: um pensamento que chamaria racional (*sapiens*), empírico, técnico, que existe desde a pré-história e é anterior à humanidade que o homem desenvolveu. Também temos

um pensamento simbólico, mitológico, mágico (*demens*). Vivemos permanentemente em ambos os registros. Não se pode suprimir a parte dos mitos, as aspirações, os sonhos, a fantasia. Os sonhos, os fantasmas, as loucuras são partes integrantes do ser humano. (MORIN, 1989, p.206).

Sabe-se que a relação entre homem e religião tem influência em seu processo cognitivo. A demonstração de criatividade ocorre na relação entre mente e matéria: o hominídeo observa a natureza e a modifica, para suprir suas necessidades agora cada vez mais crescentes (MITHEN, 2003). Assim se criam formas explicativas de como funciona o mundo e os atos e fatos que nele acontecem. Procura-se explicar as coisas conforme a intenção religiosa que se dá a certos atos

É assim que nasce um conhecimento em que o homem não só pode desligar-se do seu pensamento como pode pôr a ação a serviço do seu pensamento, do seu mito, da sua ideia, do seu sonho, construindo sua relação com o mundo, afetando seu cotidiano, sobretudo suas relações de saúde e de corpo (BASTIDE, 2006).

Na cultura japonesa, produção material de cultura, corpo, saúde e atos não se separam como o modo de vida ocidental. No oriente tudo está interligado. Assim o chá se demonstra uma ligação entre forma de plantio, política, espírito, elite e saúde. Mais do que isso, é uma cerimônia que demonstra certas particularidades de cunho cultural e de destino. O destino no Japão depende de certos modos, atos e jeitos, conforme a influência budista de justiça universal, e de rituais Shintoístas, nos quais deuses exigem certos modos e atos, e se não se cumprir certos atos, pode-se ter má-sorte.

Beber o chá, acredita-se na cosmovisão, tem certos poderes curativos não só do corpo mas da alma e de toda uma sociedade. É comum em manifestações budistas, shintoístas de decoração como *Wabi-Sabi* e interferência da prática chinesa do *Feng-Shui*, a indicação de se plantar chá em certos pontos da casa.

#### **4 UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA DA CERIMÔNIA DO CHÁ: O CAMINHO PARA O *CHANOYU***

Em seu significado, *Chanoyu*, conhecido tradicionalmente como a cerimônia do chá e/ou “aguas quentes para ferver”, tornou-se para o povo japonês parte de sua identidade cultural, representando, por meio deste, não somente aspectos artísticos e filosóficos, mas envolvidos em uma conexão com a natureza e a busca espiritual pessoal, como Arnold

(1973)<sup>3</sup> expõe, que havia uma ligação no modo de preparação do chá e uma simbologia de purificação da pessoa que vivencia todo seu rito.

Em seu princípio, o cerimonial era visto ao olhar dos europeus como insólito e admirável, bem como todo o contexto que era realizado em torno, desde o ato de beber o chá para a cura de males, e também a conduta colocada em cada ação determinante para a apreciação do mesmo. Na obra ***Chanoyu: arte e filosofia***, do centro de Chado Urasenke do Brasil, mencionam-se algumas citações de reações de estrangeiros em contato com o chá:

Tomando o chá com estomago vazio, desaparecem a febre e enxaqueca e acabam as dores de artrite. E bom para gota e excesso de alimentação. (Giovanni Batista Ramusio, 1545)

Nós, europeus, consideramos as joias, o ouro e a prata como tesouros. Os japoneses, por sua vez, consideram tesouro um fogareiro velho, objetos de porcelana antigos e rachados e potes feitos de barros. (Luis Frois, 1562; CCUB, 1995, p. 217)

Assim, pelos relatos percebe-se o reconhecimento e mais tarde a atitude que gerou a apropriação comercial do chá pelos ocidentais, ao ponto de a Inglaterra ter entrado em guerra com a China e embates com o Japão. Inicialmente o chá não era para estrangeiros, sendo um mistério para os que não pertenciam a determinada cultura, no entanto logo se tornou objeto de comércio e curiosidade.

Na cultura nipônica, o chá leva a integração familiar, social, de etiqueta, de respeito do modo social, mas, de modo individual, leva à reflexão e à contemplação, ou seja, o simples ato de tomar um chá leva à elevação em vários aspectos.

Contemplação ao observar todo o sentido que era remetido à bebida e a tudo aquilo utilizado para ministrar, pois então não se tratava apenas de um ato de gentileza e cortesia para os convidados que se adentrassem em uma residência, mas transcendia para além de uma xícara; consistia de elementos da religião e filosofia, fortemente ligados ao zen e taoísmo, da natureza pelo local estabelecido para a ocasião, que reunira o anfitrião e os convidados, que é envolvido por um longo jardim que se tem para percorrer até a chegada à considerada casa do chá, componentes também artísticos e éticos. Abrange uma constituição harmoniosa de cada movimento executado pelo anfitrião, ao preparar e servir o chá, juntamente com seus convidados, com quem se relacionam. Concentra-se em estabelecidas regras, fixas e precisas, de caráter rígido.

O cerimonial, ao longo do tempo, passou por algumas modificações, no campo dos utensílios, das vestimentas utilizadas, até porque seu início se deu nos grandes mosteiros

zen-budistas. Mas suas mudanças foram além do exterior, começou-se a dar ênfase à importância do significado interior das reuniões de chá.

É notório informar que houver grandes mestres que introduziram essa etiqueta e seus princípios. Shuko foi um dos conhecidos a levar ensinamentos que recebeu sobre o chá e seu cunho ritualístico; logo em seguida, Sen no Rikyu, que trouxe em grande maioria as práticas e regras de etiqueta estabelecidas no *Chanoyu*, como também sobre o local e utensílios utilizados. De imensa importância mencionar que o chá utilizado no ato cerimonial é o *matcha*, o chá verde pulverizado, tido como de gosto amargo.

Os ensinamentos dos mestres foram passados para seus discípulos, escolas foram fundadas para a transmissão do conhecimento e até hoje muitas delas perduram enunciando os fundamentos para o encontro do *chadô*. Citado em seu livro, Ina Gracindo (2013)<sup>4</sup> referencia de modo plausível o significado do caminho do chá e as escolas que transmitem sua sabedoria:

[...] Dô é o caminho traçado de forma disciplinada e dedicada, corpo e mente interagindo harmoniosamente, como um anfitrião ao receber seu convidado para a cerimônia de chá. O sufixo dô (que significa “caminho”) na palavra judô é macio e na palavra akido busca a harmonia das essências vitais através da expressão corporal. [...]. Existem grupos dedicados de pessoas que mantêm encontros regulares, promovem clubes de chá nas escolas, faculdades, universidades e cursos ministrados nos centros comunitários, além de escolas dedicadas a ensinamentos que priorizam a observação desde os movimentos mais básicos até a realização de elaboradíssimas cerimônias. (GRACINDO, 2013, p. 209).

Para a cultura japonesa, cuja alma foi moldada na intelectualidade budista e no espiritualismo xintoísta, o chá é uma arte. Como toda arte, é mais do que o exercício da arte: é caminho para o equilíbrio e a paz interior. Sem paz de alma não há arte, sem espiritualização não há arte, sem equilíbrio não se produz arte. A arte está em harmonizar os contrários: corpo e alma, céu e terra, o efêmero e o eterno, o material e o imaterial, o máximo e o mínimo.

A realização da cerimônia do chá se faz em ambiente expressamente minimalista, composto de um jardim, uma sala quase sem moveis, pois se toma o chá de joelhos em cima de uma esteira cerimonial, um *kakemono* (papel com dizeres em *kanji*), e os utensílios para a feitura do chá. A cerimônia obedece aos princípios: harmonia, respeito, pureza e tranquilidade. A atenção é exclusiva à introspecção: exercício de meditação conducente,

---

<sup>4</sup> GRACINDO, Ina: **Viagem ao mundo do Chá**. Tao Te Cha. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

harmonia dos gestos, rituais, beleza dos utensílios e ambiente minimalista, porém expressivo, a paz de espírito. É onde o japonês pratica a poesia dos gestos. É como uma cerimônia *haikai*: procura-se, visualmente, o máximo de satisfação estética com o mínimo de decoração, e interiormente, o máximo de paz num mínimo de palavras. Degustam-se, nessas ocasiões, doces de época artisticamente confeccionados, e toma-se o chá, levemente amargo em oposição aos doces típicos. O amargo do chá representa o amargor da vida que consumimos e derrotamos.

Como já explicitado, o local recebido e utilizado para o cerimonial é percorrido por um extenso jardim que é intitulado de *roji*. Os convidados começam sua contemplação a partir do percurso realizado, interagindo juntamente com a natureza, de forma a se despir do mundo “real”, situando-se num campo de elevação espiritual.

Arnold<sup>5</sup> compartilha de suas palavras ao se referir como se inicia a cerimônia, assim descrito:

A sala de chá é construída sobre modelo concebido pelo mestre Sem no Rikyu (1521-1591). O suki-ya prevê no geral cinco pessoas. A antecâmara-cozinha (mizu-ya) e a sala de espera (matchi-ai ou yoritsuki) diferem segundo os casos. Ali esperam os convivas pelo chamamento do mestre. Munidos do leque de cerimônia que trazem consigo, descem os degraus que levam ao jardim e calçam sandálias de palha previamente colocadas ao fundo das escadas. Através de uma alameda (*roji*), seguem pelo jardim adiante em fila indiana, de acordo com uma ordem preestabelecida de comum acordo. O jardim foi antes escrupulosamente lavado e limpo. Este contacto com a natureza deve despojar os hóspedes dos cuidados e preocupações do dia. Antigamente, o samurai depunha a espada, antes de penetrar na sala do chá, porque não há em tal lugar distinções de posição social entre os convivas. Dão entrada na solidão da alma. (ARNOLD, 1973, p.209-210).

É de extrema beleza tal inserção, pois, em seu início, o chá sendo consumido somente pela aristocracia, havia essa divisão (mesmo que depois se difundindo e utilizado por todos, gradativamente), ao se colocar dentro da casa do chá, despojava-se daquilo que se era perante a sociedade, daquela posição social determinada pela nobreza, já que, ao penetrar dentro da casa, toda essa divisão social encontrava-se ausente: todos ali estavam entregues por alma, com um único e definido intuito.

Chama atenção a descrição de um samurai ao depor suas armas. O samurai era o guerreiro da nobreza, que estava acima de todos, inclusive com direito de *Burei-Mono*, ou de matar os seus inferiores socialmente; porém, na hora do chá, todos eram iguais. Era um modo de se trazer justiça e de igualdade. Era comum, antes da era *Meiji*, o chá fazer parte

---

<sup>5</sup> ARNOLD, Paul. **O Zen e a tradição japonesa**. São Paulo: Ulisseia, 1973.

de julgamentos, onde o juiz, representante do imperador, se igualava às partes para fazer uma justiça mais neutra.

O lado artístico e filosófico está totalmente ligado uns aos outros: há essa contemplação de ambos, pois consiste da beleza do exterior, de cada utensílio utilizado, do gesto de limpeza do mesmo, num significado filosófico de purificação destes para então se passar ao seu consumo, desde sua arquitetura própria para o cerimonial, no qual o *roji* (passagem ajardinado), tem consigo um conceito de libertação do seu próprio eu.

São esses gestos, ritmos, conceitos, definições, características próprias que tornam o *Chanoyu* dotado de particularidade, contido pelo equilíbrio, grandiosidade, harmonia para um caminho que evidencia a elevação para si mesmo e para com todos. Por assim então, deixando sua indagação Okakura indaga: “em nosso século voltado para si mesmo, que inspiração lhe oferecemos?”

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Confúcio, “A essência do conhecimento consiste em aplicá-lo, uma vez possuído.” Foi possível reconhecer, por meio desta simples análise teórica em torno do chá, não somente um hábito diário que está enraizado em torno de uma cultura milenar para o povo japonês, mas todo o seu significado simbólico, dentro de suas particularidades no modo de preparação do mesmo. Trouxe-se, então, por meio de rituais, a criação emblemática de um cerimonial em torno de um simples ato de fazer, servir e beber o chá. De cunho antropológico, pode-se conhecer a filosofia oculta em cada gesto e sua estética, o que consiste dentro do *Chanoyu*, em absorver toda sua essência.

Sendo o berço da bebida, China e Japão trazem uma bagagem de grandes conhecimentos, ensinamentos e o uso do chá. Em ambos, há a realização do cerimonial, entretanto, no Japão seu desenvolvimento se propagou rapidamente, se difundindo por todas as camadas sociais, iniciando-se pelos imperadores, budistas em seus mosteiros, pela nobreza e florescendo ainda mais pela população, que tomou gosto pela bebida.

É curioso perceber a importância que uma simples xícara de chá tem como significado para um povo, carregado de definições e sentidos na vida do povo nipônico, está arraigado, estabelecendo raízes em seu cotidiano; fazendo parte do seu dia a dia, está interligado na educação, pois há escolas que repassem esses ensinamentos. Para que se torne um grande mestre do chá, levam-se anos, pois seu conhecimento está para além somente da

teoria, mas envolve sua vivência, em toda a ação já pré-estabelecida para o ato cerimonial, todas uma doutrina está preservada e cultuada, de maneira a escapar aos olhos leigos, em sua presença.

Como admiravelmente descrito por Gisele Kato, o cerimonial tem como propósito a união do participante com o anfitrião, a partir do momento que adentrarem a casa do chá, onde deixam a vida mundana que os cerca diariamente e se libertam, trazendo para si a busca do equilíbrio e da purificação da alma. Tudo no ambiente é apreciado, desde o quadro de caligrafia pendurado, o arranjo de flor, a vestimenta, os gestos, os movimentos, desde a entrada e saída, para tudo há uma finalidade, nada é desperdiçado; tudo é aprendido e vivenciado do modo mais profundo e sutil de sua grandeza.

Há quatro princípios determinantes no famoso caminho do chá: a harmonia, o respeito, tranquilidade e a pureza (*WA KEI SEI JAKU*). Como descrito pelo provérbio *Ichigo Ichie*, a pronúncia da primeira significa vida e a segunda único momento, assim decorre de uma mensagem que é deixada através deste belo e inefável momento que sucede o cerimonial, no qual cada encontro é único, não voltará a ocorrer e não se voltará a vivenciá-lo; dessa forma, resta apreciar, admirar e vivenciar cada momento, pois ele é único e jamais voltará a acontecer novamente da mesma maneira.

Esta mensagem também se reflete para os momentos diários de nossa vida: devemos aproveitar a vida tal como única, pois, de certo, há o hoje, que não se repetirá amanhã, então se deve desfrutar de cada instante, visto que o fim é iminente.

## REFERÊNCIAS

- ARNOLD, Paul. **O Zen e a tradição japonesa**. São Paulo: Ulisseia, 1973. p. 209-210.
- BASTIDE, Roger. **O Sagrado selvagem e outros ensaios**. São Paulo, Cia das Letras, 2006.
- BOIKO, Leonardo. **Breve história do chá no Japão**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011. p.5-6.
- CCUB - CENTRO DE CHADO URASENKE DO BRASIL.. **Chanoyu: Arte e Filosofia**. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1995.
- GRACINDO, Ina. **Viagem ao Mundo do chá**. Tao Te Cha. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.
- HAMMITZSCH, Horst. **O Zen na arte da cerimônia do chá**. Clássicos Zen. São Paulo: Editora Pensamento, 2016.

KATO, Gisele. **A cerimônia do chá, chamada no Japão de Chanoyu, busca o equilíbrio e a purificação da alma**, 2009-2010<vejasp.abril.com.br> Acesso em: 16 abr 2015.

MITHEN, S. **Pré-história da mente, uma busca das origens da arte, da religião e da ciência**. São Paulo: UNESP, 2005.

MORIN, Edgar, **O paradigma perdido**, Publicações Europa – América 1989 Lisboa/Portugal.

MORAIS, Wenceslau de. **O Culto do Chá**. São Paulo: Editora Kobe, 1905.

PRANDI, C.; GIOVANNI, Filoramo. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

OKAKURA, Kakuzo. **O livro do Chá**. São Paulo: Pensamento, 2009,135p.

SEN, Soshitsu XV. **Vivência e Sabedoria do Chá**. São Paulo: Cultrix LTDA 1981, 93p.